

## SEARA NOVA

DIRECTOR: CÂMARA REYS

EDITOR: JOSÉ BACELAR

NÚMERO

PREÇO

941

2\$50

CORPO DIRECTIVO: Câmara Reys, Jaime Cortesão e Sarmiento Pimentel, Antigo Director: Raúl Proença (1001-1041).  
PROPRIETÁRIA E EDITORA: Empresa de Publicidade SEARA NOVA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DA ROSA, 288-240 — TELEFONE 28547

**SUMÁRIO:** ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A ARTE, Bento de Jesus Caraça. — OS MITOS ACERCA DA ORIGEM DAS GUERRAS — 4. *O mito do espírito de cruzada*, Vitorino Magalhães Godinho. — JORNAL, *O espectáculo das ruas*, José Gomes Ferreira; *Livros*, F. L. G.; *Vento vindo dos montes*, Raúl Gomes; *War through artists eyes*, Adriano de Gusmão. — FACTOS E DOCUMENTOS, *Libertando a espécie de energia que se desenvolve no Sol, Projectas ou advertências?*; *Um pouco de história explicativa ou diagnóstica; Weyland na Polónia em 1920; O meu companheiro de eléctrico*, Alberto Candeias.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## Algumas reflexões sobre a Arte<sup>(1)</sup>

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

A circunstância de vos falar hoje, no início duma pequena série de concertos, uma pessoa que está muito longe de ser, não digo já um técnico, mas mesmo um conhecedor de arte, tem a sua justificação nas palavras que acompanham o programa que vos foi distribuído.

Nele se diz com efeito, que o objectivo essencial destes concertos é contribuir para fazer desaparecer a barreira que infelizmente ainda hoje existe entre o público e os artistas; procurar que, por um esforço de compreensão dos motivos profundos da obra de arte, se desenvolva entre o público e o artista um estado de participação activa; procurar, em suma, aquêl terreno e aquêl linguagem comuns, em que uns e outros se reconheçam como seres humanos, portadores dos mesmos interesses e dos mesmos problemas.

Pareceu por isso aos organizadores destes concertos que não seria talvez de todo inútil que um não-técnico de arte desse sobre ela o ponto de vista do homem-comum, o pobre homem-comum que neste grande debate que nos abrange e envolve a todos, desde o mais escondido canto das nossas consciências individuais até ao movimento

e choque de gigantescas massas humanas, se interroga angustiosamente sobre o seu futuro.

Tem a arte alguma palavra a dizer nesse debate que se arrasta há dezenas de séculos e que entrou agora numa fase, talvez a mais aguda de todos os tempos? Eis a primeira pergunta que o homem-comum dirige a si próprio; é por ela que começarei as poucas reflexões que me propus fazer perante vós.

Para tranquilidade dos meus ouvintes, devo começar por declarar que não vou tentar exhibir nenhum ramalhete de resoluções prontas e acabadas. Perplexidades, dúvidas, interrogações, são de todos nós e de todos os tempos. Elas são a condição necessária de todo o esforço progressivo, de toda a tentativa de passagem a um nível superior da compreensão. Que a densa névoa das perplexidades dê por vezes logar aos traços luminosos duma certeza, aí reside o nosso maior motivo de orgulho como seres humanos; mas não nos esqueçamos de que a verdade de hoje é o erro de amanhã, que certeza e perplexidade se entrelaçam e reagem uma sobre a outra, ao longo desta gloriosa cadeia muitas vezes milenária que é a luta incessante do homem com a natureza e consigo próprio.

Para poder abordar, com algumas condições de êxito, o estudo do problema contido na primeira pergunta que enunciei acima, éle necessita de ser convenientemente precisado — esse debate, em que consiste? qual é o seu objectivo?

Em poucas palavras vos direi que me parece ser essencial dêle a possibilidade ou impossibilidade de aquisição duma estrutura da sociedade em que todos os homens possam viver uma vida di-

(1) Conferência lida em Junho de 1943 na abertura duma série de sessões musicais.

gna; em que, a uma segurança material para todos, se alie um conjunto de condições que permita o aproveitamento máximo das possibilidades de cada um; em que a liberdade económica, seguida da liberdade intelectual, sejam a base da regulação das relações entre os homens.

Mas aqui põe-se, desde já, uma questão prévia.

Trata-se, como se vê, dum problema social, problema cujas condições fundamentais de resolução variam, evidentemente, com o tempo e dependem, em cada época e cada região, do estado de avanço do conhecimento científico e do progresso das técnicas por meio das quais o homem actua sobre a natureza.

Ora, estas características básicas do problema — sua natureza social, sua natureza temporal, sua dependência das técnicas de produção — e não excluem, porventura, qualquer tentativa de inserção da arte nêle? e Não nos dizem, com efeito, escritores e pensadores de várias tendências, que a arte é, por sua essência, extra-temporal?; e que nada tem que ver com as condições sociais?; e que a sua missão é, libertada de tôdas as contingências, fixar uma parcela da Beleza Universal, etc., etc.?

Confesso que nunca consegui perceber claramente o significado preciso de tais afirmações e, por isso, fugindo ao perigo das abstracções subtis, resolvi seguir por outro caminho, talvez menos fácil mas certamente assente em terreno mais sólido.

Como diz um poeta, bem conhecido de todos nós:

Quero andar pelo meu pé  
e saber que piso chão.

Podemos tomar como primeiro guia nêsse caminho esta bela página de ANATOLE FRANCE: «Não podendo conceber a beleza independente do tempo e do espaço, só começo a interessar-me pelas obras do espirito no momento em que lhes descubro as ligações com a vida e é o ponto de inserção que me atrai. Os grosseiros barros de *Hissarlik* fizeram-me amar melhor a *Illada*; e acho maior sabor à *Divina Comédia* por aquilo que sei da vida florentina do séc. XIII.

É o homem, e o homem só, que procuro no artista. e O poema mais belo é porventura mais que uma réplica? GOETHE disse uma palavra profunda — as únicas obras duráveis são as obras de circunstância. Mas não há senão obras de circunstância, porque tôdas dependem do lugar e do momento em que foram criadas. Só podemos compreendê-las e amá-las com um amor inteligente, se conhecermos o lugar, o tempo e as condições da sua origem.

Só uma imbecilidade orgulhosa pode fazer acreditar que é possível ter produzido uma obra que se baste a si própria. A mais alta tem apenas um preço, e êsse é o das suas relações com a vida. Quanto melhor apreendo essas relações, mais me interesso pela obra».

Com estas palavras do grande escritor, voltamos em cheio ao nosso problema — e que papel desempenha a arte no debate em que a humanidade está envolvida? e qual é o ponto de inserção de que nos fala ANATOLE FRANCE? Se a obra de arte é uma réplica, pergunta-se — e uma réplica a quê?

Parece-me indispensável fazer aqui uma pausa e, antes de iniciarmos as respostas a estas pergun-

tas, reflectirmos por momentos nas condições em que se desenrola o debate a que tenho alludido.

Para bem percebermos essas condições, temos que nos entender primeiro a respeito desta questão fundamental — e como encaramos a posição do homem na sociedade? São possíveis dois caminhos: ou partimos do homem como entidade autónoma, portadora das suas qualidades, dos seus feitos, dos seus interesses, e consideramos a seguir o agregado como uma *soma* dos homens que o formam, os conflitos e as leis de evolução das sociedades como uma consequência directa das individualidades em presença, e assim caminhamos *do homem para o grupo*; ou, pelo contrário, tomamos como realidade primária o grupo, com as suas necessidades colectivas, os seus conflitos interiores, e dêle partimos para a definição e compreensão das entidades individuais. É, no fundo, uma questão de primado — e *primado do indivíduo, ou primado do grupo*?

Que esta questão vos não pareça de somenos importância; quer nos coloquemos no ponto de vista da compreensão de certos movimentos sociais, quer no ponto de vista prático, da aquisição de regras de conduta, a sua resolução é de primordial valor. Em cada um dos caminhos indicados radica uma concepção fundamental quanto ao desenvolvimento do homem e progresso da civilização.

No primeiro, o do *primado do indivíduo*, fundamentam-se tôdas aquelas normas de actuação segundo as quais aperfeiçoamento e progresso hão-de seguir a linha de *dentro para fora do homem*; tôda aquela orientação segundo a qual só o aperfeiçoamento interior dos homens, indivíduo a indivíduo, pode levar a um maior grau de perfeição social.

No outro, *primado do grupo*, tem a sua raiz aquela orientação segundo a qual só a mudança das condições exteriores ao homem, condições de meio e instituições sociais, pode levar ao aperfeiçoamento e progresso desejados.

São, como se vê, duas orientações antagónicas, fundamentadas em bases filosóficas opostas. E quer nós nos formulemos explicitamente êste dilema quer não, no nosso procedimento em sociedade estamos sempre impulsionados por um ou pelo outro dos seus braços. Por essa razão talvez seja melhor que cada um de nós procure vêr claro dentro de si antes de actuar, para assim evitar os equívocos que uma falta de reflexão necessariamente lhe acarretará.

Ora eu estou convencido de que é a segunda orientação — o segundo braço do dilema — a que está conforme com os factos. Vou mesmo mais longe, olho para além dos factos sociais, e vejo nela um quadro geral, um molde de compreensão de todos os fenómenos da Natureza. Por tôda a parte, parece-me serem os grupos a realidade primária, e serem os objectos definidos apenas pelas suas relações dentro do grupo.

Eu não discuto aqui a legitimidade da concepção contrária, a da construção dum mundo lógico da *coisa-em-si* — aquilo que subsiste em si mesmo, independentemente de outra coisa. Que aqueles que têm gosto pelas *abstracções de quinta essência* [construam à sua vontade um mundo semelhante e se movam, como puderem e lhes aprouver, no reino das sombras sem substância.

Digo apenas que, se o nosso objectivo é estudar

o mundo dos seres tal como se nos apresentam, com toda a riqueza das suas qualidades, das suas contradições, o mundo onde lutamos e sofremos, interferimos uns com os outros e com a Natureza, o mundo onde se passam as nossas dores e as nossas alegrias, a *coisa-em-si* é de bem fraco rendimento para dar conta do seu dinamismo e evolução. Onde se viu já nesse mundo um objecto-em-si, exterior a tudo, independente de tudo, definido em si e por si? No mundo vivo? Onde se viu já animal ou planta cuja estrutura, habitat, vida e morte sejam independentes do meio em que vive, dos outros animais ou plantas que concorrem para a sua conservação ou destruição? No mundo chamado inanimado? Uma pedra-em-si? Uma moeda-em-si? «Sonhava, diz-nos ainda ANATOLE FRANCE, sonhava que os metafísicos, quando constroem uma linguagem, parecem amadores que afiem, em vez de facas e tesouras, medalhas e moedas, para lhes tirar a inscrição de valor, a data e a effigie. Quando, ao fim de muito trabalho, conseguem que nas suas moedas de cem sous se não veja nem Vitória, nem Guilherme, nem a República, dizem: «estas moedas não têm nada de inglês, nem de alemão, nem de francês; tirámo-las para fora do tempo e do espaço; não valem já cinco francos: são agora dum preço inestimável e o seu curso estendeu-se infinitamente». Têm razão a falar assim. Por esta indústria de amola-tesouras, as palavras transportaram-se do físico ao metafísico. Vê-se bem o que perdem na passagem; mas não se divisa facilmente o que ganham».

Não; seja para onde nos viremos, o que encontramos é a lei primária de *interdependência* das coisas e dos seres do Universo, de modo tal, que coisas e seres nos aparecem definidos sempre pelas suas relações no meio ou grupo em que estão integrados. Tirai, se possível, o contexto a um ser e ele desvanece-se porque desaparece o conjunto das suas qualidades, das suas propriedades de relação; colocai-o num contexto novo e ele aparecerá com qualidades novas. Para vos dar um exemplo bem do nosso tempo — considerai um homem, como conheceis muitos, cheio de coragem, abnegação e bondade, na sua vida normal de família, um homem capaz de arriscar a vida para salvar uma criança em perigo; pois bem, colocai esse aparentemente o mesmo homem num bombardeiro e vê-lo-eis descarregar friamente, tècnicamente, uma bomba de milhares de quilos que ele sabe que vai possivelmente matar centenas de crianças; pergunto-vos: onde está aqui o homem-em-si? no primeiro comportamento? no segundo? na contradição dos dois? Parece-me mais simples responder — o homem é definido pelo seu contexto; o contexto mudou, o homem mudou.

Também a filosofia da ciência, no seu esforço de tentar uma compreensão geral do Universo, correu durante muito tempo atrás do fantasma do objecto-em-si e sobre ele construiu uma noção ambiciosa de determinismo. Mas quando o observador se aproximou mais do fantasma, e procurou ver como conseguiria determinar com precisão a posição e velocidade duma partícula material num dado instante, apercebeu-se de que ele, homem-observador, formava, juntamente com a partícula observada e os instrumentos de observação, um grupo solidário, com o seu condicionamento pró-

prio, as suas acções e reacções próprias entre observado, instrumento e observador.

E o fantasma partícula-em-si desvaneceu-se, e com ele, o outro fantasma de segunda ordem — o determinismo mecanista.

Se a posição que acabo de vos descrever é justa, isto é, adequada à interpretação dos factos e fenómenos, nós teremos a situação do homem no mundo pouco mais ou menos como segue.

Primeiro o grupo humano, com as suas necessidades fundamentais de conservação, colocado em face da Natureza e actuando sobre ela com a ajuda de instrumentos de trabalho. Fabricar e usar instrumentos, eis o que é próprio e exclusivo dos agregados humanos e que os coloca numa situação privilegiada em relação a todos os outros agregados animais — ter a capacidade de interferir com a natureza pelo acto criador do trabalho.

Depois, o homem, integrado no grupo, tendo com os outros homens aquele conjunto de relações que as necessidades vitais do agregado determinam e a repartição dos instrumentos de trabalho condiciona.

É o *sentido do todo* que fornece ao homem o primeiro grau da sua consciência como agente colectivo, fundido no grupo; e é desse *sentido do todo* que lentamente se destaca e afina a personalidade individual; na frase justa de JACK LINDSAY — «do colectivo nós nasceu o intensificado eu.»

Nesta seriação e como que hierarquia de situações se desenvolve toda a actividade humana; são elas que dirigem a sua acção como ser social e que formam o quadro geral de todas as suas manifestações; que fornecem as impulsões que hão-de levar às actividades creadoras intelectuais e artísticas. Ciência, filosofia, arte, religiões, têm portanto uma raiz comum — a actividade social dos homens — seriada como acabamos de ver e reflectem consequentemente, nas mentalidades diferenciadas, nos *eus* intensificados, as condições gerais do meio físico e social em que foram criadas<sup>(1)</sup>. Mas não procuremos, na maneira como essa reflexão se dá, uma relação estreita de causa a efeito, como aquela que estamos habituados a ver em certos fenómenos físicos — abandonamos uma pedra no ar e a pedra cai. Não, aqui as coisas não têm a mesma simplicidade; a passagem das impulsões básicas às consciências individuais realiza-se em condições muito largas, sujeitas a múltiplas interferências e variando de indivíduo para indivíduo. A ligação às condições fundamentais é mais fortemente sentida por uns do que por outros, de modo que são possíveis oscilações muito grandes de indivíduo para indivíduo na maneira de as interpretar. A força dessa ligação depende ainda da forma da criação artística; por ordem decrescente podem talvez as artes classificar-se assim: em primeiro lugar, a literatura, a arquitectura, o cinema e a dança; em segundo lugar a escultura e a pintura; por último, a música.

Mas, com estas restrições e correcções, o princípio básico parece-me permanecer intacto e de verificação tanto mais fácil e evidente quanto mais em conjunto se estudarem os seus resultados.

(1) Neste sentido, a palavra de Goethe encerra uma verdade profunda — toda a obra durável pelo seu significado é uma obra de circunstância.

Vamos vêr alguns exemplos:

Nas sociedades primitivas, analisáveis pelos vestígios que nos ficaram das antigas e por alguns grupos hoje existentes, o sentimento da personalidade está longe de ter o desenvolvimento que atinge nas sociedades civilizadas. O homem funde-se no grupo, às vezes atribuindo-se apenas a designação do respectivo totem; a técnica é incipiente e consequentemente as divisões sociais internas muito fracas. A êsse estado primitivo de *unidade*, corresponde uma grande simplicidade de interferência com a Natureza e uma grande simplicidade também das super-estruturas artísticas e intelectuais. Estas estão, por assim dizer, consubstanciadas numa única — a *dança*. Pela dança exprime o grupo totémico o seu esforço de aquisição de um conceito da Natureza, cristalizado naquilo a que chamamos *mágica*; pela dança adquire e exprime o seu sentido do ritmo que mais tarde vai desempenhar um grande papel na música e no acréscimo de rendimento da produtividade do trabalho; na dança se familiariza com a primeira figura geométrica — o círculo — que depois vai projectar no espaço, mandando ingenuamente aos astros que se movam em movimentos circulares e, menos ingenuamente, já em plena Grécia Clássica, impondo-o como a forma de movimento perfeito e modelo, juntamente com a recta, da construção geométrica; na dança, enfim, exprime a totalidade da sua emoção estética da qual se vão desprender progressivamente a poesia, a pintura e a música.

Consideremos agora uma sociedade em estado mais adiantado, uma sociedade da Grécia, um pouco antes do período clássico. Perdeu-se a simplicidade e a unidade primitivas, o uso de instrumentos cresceu, a técnica fez a sua aparição e com ela uma maior possibilidade de interferência com a Natureza. Com o avanço da técnica, emergem as personalidades individuais, mas cavam-se as divisões sociais e êstes dois fenómenos caminham a par e crescem de intensidade. Os homens sentem a vinda da técnica como uma maldição e choram daí em diante a maior das perdas — a da fusão do individual com o colectivo, a da *unidade*, que a imaginação transforma no bem supremo duma *idade de ouro* da felicidade geral.

As criações intelectuais reflectem da maneira mais vincada esta situação. É na ciência, que a

custo se separa da *mágica*, todo aquele conjunto de respostas filosóficas afirmando um princípio de unidade no Universo, transmutação, para o plano de pensamento, dum desejo social insatisfeito. É na *tragédia* nascente, um monumento literário, talvez o maior de todos os tempos — O *Prometeu Agrilhoado*, de ÊSQUILO, o maior brado de angústia até hoje lançado pelos homens, desamparados de si mesmos.

É ainda, nos remoinhos que as lutas sociais, cada vez mais violentas, provocam, o depoimento dêsse espantoso THEOGNIS, um possuidor da terra, desapossado por uma revolução democrática na cidade de Megara:

«Exalta a minha imploração a tempo, Zeus Olímpico, e dá-me em troca dos males que me afligem, o prazer de experimentar ainda algum bem. Que venha a morte, se eu não puder achar fim aos meus cuidados, e se não obtenho mais que desgostos após desgostos. É com efeito êsse o meu destino: não ver o castigo daquêles que possuem os meus bens, roubados pela violência; quanto a mim, atravessei a torrente como um cão, perdendo tudo na travessia. Ah! possa eu ainda vir a beber o sangue negro dos meus inimigos! que a divindade lance sôbre mim um olhar favorável e realize tudo segundo o meu desejo!»

E mais adiante: «possa eu vir a ter uma parte dos bens dos meus inimigos e dar a outra aos meus amigos!»

Seja dito de passagem que êste tema da posse da terra atravessa até aos nossos dias a literatura tanto em prosa, como em poesia, nos mais variados tons e formas, mas sempre com êstes dois aspectos fundamentais — ou as lamentações da classe desapossada ou a justificação da classe recém-empossada.

Todo o bucolismo mais ou menos pastoril que ocupa séculos de literatura, tem porventura outro significado do que fornecer uma justificação? Está-se vendo, por exemplo, o Sr. D. Luís da *Casa Mourisca* usando a *indelicadeza* de linguagem daquêle energúmeno do THEOGNIS?

(Continua)

BENTO DE JESUS CARAÇA

## Os mitos àcerca da origem das guerras

### 4 — O mito do espírito de cruzada

por VITORINO MAGALHÃES GODINHO

O agressor procura quasi sempre justificar a agressão, e o agredido justificar a defesa. Dizem a um povo: eis além terras fartas onde encontrarás o pão e o conforto, e gentes numerosas cujo trabalho dispensará as tuas fadigas, — só pode fazer-se quando não há que atender a uma opinião internacional: foi por isso o que fizeram os espartanos, ao lançarem-se no ataque à Messénia no século VIII a. C. Mas geralmente convém ape-

lar para algo de mais nobre do que a cobiça — subentendendo-se que esta se cevará à mesma a seu bel-prazer. Veja-se aquela região cujo solo promete mananciais de riqueza e possibilidades de bem-estar para todos; infelizmente, a população que a habita é rude, não sabe aproveitar os dons da natureza e por isso vive uma existência bestial; vamos lá levar-lhe as sementes da civilização: habituá-los-emos à disciplina do trabalho